



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DESIGN-MODA**

MARIA CÂNDIDA FERNANDES LOPES

**O BORDADO COMO ARTETERAPIA: PERCEPÇÕES E
SENTIMENTOS – Relato de experiência**
Estudo monográfico

Fortaleza

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L854b Lopes, Maria Cândida Fernandes.
Bordado como arteterapia : percepções e sentimentos / Maria Cândida Fernandes Lopes.
– 2017.
50 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Araguacy Paixão Almeida Filgueiras .

1. Bordado. 2. Arteterapia. 3. Artesanato. I. Título.

CDD 391

MARIA CÂNDIDA FERNANDES LOPES

**O BORDADO COMO ARTETERAPIA: PERCEPÇÕES E
SENTIMENTOS – Relato de experiência**
Estudo monográfico

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Design-Moda, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Design-Moda.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Araguacy Paixão Almeida Filgueiras (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Cyntia Tavares Marques de Queiroz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedicatória

Aos meus pais, Flávio e Perpétua, que tanto sonharam com minha graduação.

Ao meu filhinho Igor por toda a compreensão da mamãe não estar tão presente.

Ao meu marido Danilo, companheiro de todas as horas.

A minha vovozinha Marieta linda.

Amo vocês com todo o meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus acima de tudo por me dar forças para recomeçar e me lembrar que nunca é tarde.

À professora, Araguacy Filgueiras, hoje considero uma amiga, por ter sido peça fundamental para o meu retorno à Universidade. Sem você com certeza teria sido tudo bem mais difícil. Obrigada por ser a melhor orientadora. Gratidão eterna.

À minha prima Andreia que tanto amo, obrigada por ser minha parceira de todas as horas.

Aos meus sogros, que eu tenho como pais, obrigada por tudo.

À minha cunhada Andrea, por ser quem é e me ajudar sempre que preciso. Amo você

À Lilian Fialho, por acreditar em mim como profissional e me dar a oportunidade de aprender todos os dias.

Ao grupo É do bordado! Muito carinho por todas vocês.

À Gueira Castelo Branco de Vilhena, obrigada por toda a atenção.

Às professoras Cyntia Tavares e Emanuelle Kelly por se disponibilizarem a compartilhar com a sua atenção e competência desse momento tão rico e importante na minha vida. Muito obrigada!

A linha e o linho

Gilberto Gil

É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia
E fosse aparecendo aos poucos, nosso amor
Os nossos sentimentos loucos, nosso amor
O zig-zag do tormento, as cores da alegria
A curva generosa da compreensão
Formando a pétala da rosa, da paixão
A sua vida o meu caminho, nosso amor
Você a linha e eu o linho, nosso amor
Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa
Reproduzidos no bordado
A casa, a estrada, a correnteza
O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza (...)

RESUMO

Na minha prática de vida, o bordado atua como terapia alternativa, pois enquanto você borda sua mente se desliga dos problemas encontrando prazer em poder estar construindo algo real e belo. Além disso, instiga a sociabilidade uma vez que muitas pessoas buscam participar de grupos de bordado por simplesmente ter com quem conversar e trocar experiências. Cientificamente a arteterapia é reconhecida como um agente transformador tanto no âmbito pessoal, ofício ou lazer. Discutir e apresentar essa abordagem constitui o objetivo deste trabalho. O bordado é uma técnica, expressão de arte e cultura, da qual se tem registros de diversas regiões do mundo e cada uma com as suas características. Além da revisão de literatura, realizamos entrevistas, nas quais obtivemos depoimentos de pessoas que têm o bordado como forma de terapia e assim, verificamos no cotidiano a realidade apresentada na bibliografia.

Palavras-chave: Bordado. Arteterapia. Artesanato.

ABSTRACT

In my life practice, embroidery acts as an alternative therapy, because while you embroider your mind disconnect from problems finding pleasure in being able to build something real and beautiful, which instigates sociability since many people seek to participate in embroidery groups to have someone to talk to and exchange experiences. Scientifically, art therapy is recognized as a transformative agent in the personal, professional or leisure sphere. Discussing and presenting this approach is the purpose of this paper. It is a technique, expression of art and culture, of which one has records of embroideries of diverse regions of the world and each one with its characteristics. In addition to the literature review, we conducted interviews, in which testimonials of people who have embroidery as a form of therapy and thus verified in daily life the reality presented in the bibliography.

Keywords: Embroidery. Art therapy. Crafts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A arte do bordado além do gênero com Rian Fontenele	28
Figura 2: O bordado transformando vidas	32
Figura 3: Luz e cor em momentos de angústia	34
Figura 4: Bordando e sorrindo.....	36
Figura 5: Bordando sentimentos.....	41
Figura 6: Terapia & Arte.....	43
Figura 7: Meus bordados, minha arte, minha cura.....	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ARTE E ARTESANATO: CONCEITOS JÁ BORDADOS	13
2.1 Arte e artesanato: linha tênue a ser desvendada.....	15
3 UM TIQUINHO DA HISTÓRIA DO ARTESANATO	18
3.1 O Brasil feito à mão desde o índio	20
3.2 Destacando o artesanato no Ceará	24
4 BORDANDO O BORDADO	27
4.1 Bordando alternativas na arteterapia	29
5 METODOLOGIA	31
6 BORDANDO... E VIVENCIANDO ARTETERAPIA	32
6.1 Relatando vivências	33
6.2 Instigando a sociabilidade	35
6.3 Bordando sentimentos	38
6.4 ...Encontrando respostas bordadas na arteterapia.....	44
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Fiz esse trabalho impulsionada por minhas próprias vivências pessoais. Durante um período muito difícil na minha vida tive o bordado como um companheiro fiel e afetuoso. Sempre que precisava, ele fazia com que me sentisse forte e capaz, conseguia arrancar do meu rosto um sorriso que naqueles tempos estava escasso. Algumas coisas começaram a fazer sentido... Havia feito um curso de bordado no segundo semestre de 2016, denominado 'O bordado vai bem, obrigado!' e, durante ele, algumas colegas revelaram o quanto estava sendo prazeroso e importante para as suas vidas aqueles encontros aos sábados. Palavras como depressão, solidão, ócio, eram comuns como sendo um dos fatores de estarem lá. Porém, os encontros eram de muito aprendizado e boas risadas.

A literatura nos mostra que é possível tratar o sofrimento humano por meio da arte. Autores como Collier (2011) e Carneiro (2016) identificam alguns benefícios que as artes têxteis proporcionam, tais como: auxiliam as pessoas a viver menos dolorosamente situações difíceis como a depressão e o luto, facilitam expressar os sentimentos, favorecem a reabilitação e, ao mesmo tempo, possibilitam laços sociais e estimulam a autoconfiança e a alegria. Aos procedimentos terapêuticos que utilizam a arte durante tratamentos, os autores denominam de arteterapia, pautada nas abordagens psicológicas.

Com a modernidade e as nossas vidas sempre repletas de atividades, nos afastamos desse contato com as artes, o artesanato que fez parte da nossa vida desde o começo da humanidade, quando tínhamos que criar e fazer nossos próprios utensílios, nos tempos atuais é executado por uma minoria. O resgate de uma atividade ancestral como o artesanato tem mostrado grandes benefícios, sendo comprovados cientificamente, e que nos dias de hoje pode ser a prevenção ou até a cura de males da alma.

É com esse sentimento que esse trabalho foi desenvolvido e se apresenta como Relato de experiência. Pautados em autores que tratam do tema, investigamos, com a pesquisa bibliográfica, a temática artesanato e a sua relação com a vida humana ao longo do tempo.

De natureza qualitativa e descritiva, com essa monografia objetivamos apresentar as vivências, contextualizar o cenário espaço-temporal onde se realizou a experiência, e discutir a relevância da arte como ferramenta na arteterapia.

Para além da revisão de literatura, pudemos conversar com as mulheres participantes do grupo de bordado e evidenciar que, os resultados encontrados, vão ao encontro do que preconizam os autores estudados.

Para melhor compreensão do que esperamos encontrar nesta monografia, explicitamos a sequência do conteúdo trabalhado evidenciando que, embora tratemos de arte e artesanato, nos direcionamos especificamente ao bordado, pois como já relatado, foi por meio da prática dessa tipologia que surgiu o interesse para esse estudo.

Considerando que o primeiro capítulo é essa introdução na qual apresentamos a nossa proposta, no segundo capítulo abordamos arte e artesanato, no qual expomos a diferença entre essas duas expressões, dentre outras discussões. O capítulo terceiro nos traz um tiquinho da história do artesanato, elemento constante desde as nossas raízes históricas. É no capítulo quatro que trazemos abordagem mais específicas sobre o bordado. A seguir, apresentamos a metodologia aplicada. A partir do capítulo seis tratamos o bordado como uma tipologia das artes manuais inserida nos processos de tratamento terapêutico e, assim, o relato de experiência. É nesse capítulo que envolvemos a emoção, as falas das entrevistadas, a constatação do que encontramos na literatura. Por fim, nas considerações finais, nos mostramos como partícipe do processo que a arteterapia proporciona, dentre muitas possibilidades, superação e liberdade.

2 ARTE E ARTESANATO: CONCEITOS JÁ BORDADOS

O artesão é um trabalhador que exerce um ofício manual, transforma matéria prima em produto acabado, uma vez que “tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural”, essa descrição é adotada por Lemos (2011, p.44), seguindo as definições apresentadas pelo Programa do Artesanato Brasileiro (PAB¹).

Originada do neologismo francês *Artisanat* e, segundo o dicionário Aurélio, a palavra artesanato está definida como: “1 - Ofício e técnica do artesão. 2 - Conjunto dos artesãos de um determinado gênero ou local. 3 - Conjunto das peças ou produtos resultantes da atividade dos artesãos. 4 - Produto final do trabalho do artesão.” Para artesanato, Lemos (2011) afirma que:

(...) compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios (LEMOS, 2011, p. 44).

Podemos afirmar que o artesanato nada mais é do que a expressão viva do homem e de sua evolução. A Revolução Industrial possibilitou aumentar os meios de produção e nos dar mais conforto em nosso dia a dia, mas é no artesanato que o homem mostra a sua essência, e que para evoluir na criação é necessário, na maioria das vezes, que ele construa primeiramente com as próprias mãos para depois produzir em escalas dimensionais auxiliado por máquinas.

Não podendo dissociar o artesanato da cultura, uma vez que ele reflete os aspectos sociais e culturais de um povo, e do seu modo de fazer, trazemos os argumentos de Lima (2009):

Considerando-se a diversidade de culturas do passado e do presente, nem vagamente consegue-se ter uma ideia aproximada do montante de objetos artesanais que foram produzidos pelo homem ao longo de toda sua história. Para uma noção do grau de dificuldade desse cálculo, basta que seja lembrado o fato de que a existência da

¹ Programa do Artesanato Brasileiro do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

humanidade é estimada em milhões de anos, mas que, só há três séculos, ocorreu a Revolução Industrial. Até então, o mundo vinha sendo construído, integralmente, de modo artesanal. (...) O artesanato é, portanto, uma maneira de fazer objetos existente há milênios. Toda a antiguidade foi assim construída e, até a idade média, foi a forma pela qual a humanidade constituiu-se. E porque, durante muito tempo, essa era a única maneira de confeccionar objetos, não havendo outra que, com ela, convivesse ou mesmo a ela se opusesse, quando se refere a esse longo período de hegemonia do artesanato, o termo não é enfatizado. O termo artesanato é mais empregado ao se citar o período que tem início com a Revolução Industrial, quando o objeto criado pela indústria passa a ser a oposição ao *hand made*. (LIMA, 2009, p. 98/99).

O termo artesanato só surgiu para o homem após a Revolução Industrial, pois não havia necessidade para se definir o que era criação humana ou industrial, pois tudo vinha das mãos do homem, as ferramentas eram somente utilizadas como extensão da mão humana para facilitar a construção de sua arte, dando-lhe melhor acabamento e definição e facilitando na criação do objeto. No uso da máquina o homem serve somente para acionar os comandos necessários para fazê-la funcionar, cabe a ela confeccionar o produto de maneira perfeita e em grande escala, onde os objetos podem sair aos milhares idênticos entre si, apenas modificando cores, tamanhos e formas de acordo com a necessidade humana, e tendo o homem pouca influência na sua criação em larga escala, participando, muitas vezes, somente da sua concepção.

Ao contrário, o artesanato que tem na sua criação influência direta do homem, necessita das mãos e da sua alma para ser concebido havendo necessidade integral do homem para a sua criação, estando ele presente em todas as etapas do seu processo, início, meio e fim, sem interrupções ou meio termos. Por isso, Córdula (2013) afirma que o artesanato é algo tão complexo, tão carregado de cultura, de arte, de imperfeições em sua perfeição, pois ele se encontra repleta da alma do seu criador, nenhum objeto criado exclusivamente pelas mãos do homem será igual ao outro, poderão ser somente parecidos, nada mais.

O artesanato antes mesmo de ser cultura, é utensílio de uso diário, é ornamento, é renda de muitas famílias que o utilizam como meio de sobrevivência, é socialização, é refúgio e acalento para os males que afligem a alma. Tudo o que é criado transborda carregado de cultura, pois é da essência

do homem captar o seu meio ambiente e expressá-lo através dos elementos que ele cria, em acordo com Córdula (2013):

(...) O artesanato é socializante, pois é possível, e desejável, que ele se organize em grupos, associações ou cooperativas, pois sua vida econômica depende, em parte, da sua capacidade de organização coletiva, da solidariedade, da boa divisão de trabalho e de lucro. A convivência do artesanato com a agricultura é perfeita, pode-se dizer que ele é, como a agricultura, uma atividade sazonal, pois existe nas entressafras, atende aos momentos de falta de colheita. Na pesca o artesanato da rede fornece ao pescador uma de suas principais ferramentas, a rede. Mas a mulher do pescador também faz renda de praia (filé, labirinto, renda de bilro). Diz-se que “onde há rede há renda”, e quando a rede não traz o peixe, a renda põe o peixe na mesa (CÓRDULA, 2013, p.11).

O artesanato é uma arte muito comum principalmente nos interiores e nos litorais, um dos principais instrumentos do agricultor e do pescador, pois entre uma colheita e outra, entre uma pesca e outra, é o artesanato que gera renda às famílias que passam por um período de entressafra ou baixa produção de pesca, tornando-se um dos seus principais ofícios, e essa renda vem principalmente, das mãos de mulheres.

2.1 Arte e artesanato, uma linha tênue a ser desvendada

A arte é definida como um processo de criação artesanal refinado, onde se estudam técnicas de criação nas escolas de arte para se aprimorar e elitizar uma obra, e elas na maioria das vezes, possuem valores universais que marcam uma época e podem até mesmo revolucionar um período histórico, com os seus conceitos e questionamentos (Sousa, 2012).

Já a arte popular ou artesanato, é tido como uma forma de arte mais simplória, onde o artesão, geralmente sem conhecimentos técnicos refinados em escolas de arte, utiliza do ambiente que vive para criar o seu artesanato. Essa criação se dá de forma instintiva, e o artesão vai buscar elementos para a sua criação na sua cultura, no seu folclore, na sua religiosidade, conhecimentos que estão enraizados na sua ancestralidade que transborda na sua vida diária. Nesse contexto, Córdula (2013) afirma que:

Não se pode confundir, no entanto, artesanato com arte. A arte como conhecemos hoje tem a mesma origem do artesanato e, podemos dizer que grande parcela de sua produção depende dele. Mas não significa

a mesma coisa. Sucede que, numa visão greco-clássica, arte e técnica vêm da mesma raiz linguística. A civilização cuidou de dividir este conceito pois as obras dos artistas da antiguidade clássica equilibravam-se em dois extremos: ou pendiam para o ideal da perfeição, desprovido de alma, ou para o êxtase estético, mas sem compromisso com a maneira de fazer. Aparecem aí dois sentidos opostos de realização: pela perfeição do trabalho: apolíneo (do deus Apolo, protetor do homem como ser físico), ou pela qualidade do sentimento: dionisíaco (do deus Dionísio, ou Baco, deus do vinho, mas também dos sentimentos e do êxtase). Esparta e Atenas traduzem bem essa divisão de territórios, uma realizada através do ideal físico do trabalho e outra através do ideal filosófico. O artesanato é nitidamente uma atividade apolínea, heroica, estética, quando assume o conceito do bem acabado, do bem feito. A arte independe disto. Mesmo a estética clássica que norteou o Renascimento e suas consequências, não vigorou na modernidade e na contemporaneidade. A arte é vista hoje muito mais por seu conteúdo ético do que estético (CÓRDULA, 2013, p. 11).

A arte e o artesanato são como mãe e filha, elas se encontram unidas por um laço muito forte no qual uma complementa a outra, pois para a arte acontecer ela necessita diretamente do artesanato, é ele o responsável direto para a criação da arte, pois nas mãos de um artista erudito existe um artesão que dá vida à sua obra. Já o artesanato em si não é considerado arte, pois ele carrega uma marca que o caracteriza, uma regionalidade, uma simplicidade. Franciscatti e Salgado (2011) afirmam que:

Nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre o crescente fomento do artesanato apenas em seu caráter de identidade de tradição cultural, pois este movimento parece impor ao artesão a tarefa de simplesmente repetir arranjos arcaicos, o que pode limitar sua capacidade de criar e minar a expressão, de cada comunidade e cada artesão, a uma demanda de mercado. Isso, não significa, porém, desconsiderar que é o reconhecimento da tradição e a repetição de um fazer, que possibilita ligar o passado ao presente, realizando transmissão de valores, fazeres e demais experiências acumuladas, que constituem o registro da história da qual o sujeito pertence, e a apropriação e o reconhecimento deste registro são importantes para o processo de individuação. Entretanto, se o repetir traduz reprodução e transmissão da cultura e nisso também a adesão àquilo que ela também traz de aprisionamento, a criação que pode se inscrever sobre o fazer repetido traduz uma tentativa de reparação da adesão àquilo que faz sofrer, o que caracteriza uma resistência à ordem social (SALGADO; FRANCESCATTI, 2011, p. 7-8)

Ainda nesse contexto, devemos lembrar da relação artista e artesão. Para Córdoba (2013), o artista é o que cria, concebe, e o artesão é o que faz, que sabe como fazer, mas “um depende do outro no momento em que a criação necessita de realização física, a presença de uma obra de arte de pintura, por exemplo,

somente é possível se o artista utilizar o artesanato da pintura para dar à luz aos seus sentimentos. Em todo artista que trabalha com as mãos existe um artesão.” (2013, p. 11). Mário de Andrade também afirma em “O artista e o artesão” que:

O artesanato é uma parte técnica da arte, a mais desprezada infelizmente, mas a técnica da arte não se resume ao artesanato. O artesanato é parte da técnica que se pode ensinar, mas há uma parte da técnica da arte que é por assim dizer, a objetivação, a concretização de uma verdade interior do artista (ANDRADE, 1938, p.13).

Portanto, é negado ao artesanato o conceito de arte simplesmente por se originar das mãos de artesãos ditos sem estudo, sem “refinamento cultural”, que constroem sua arte a partir da leitura do meio onde vivem. Lima (2009) os relaciona às distintas classes sociais:

A oposição resulta da dicotomia “elite/povo” e remete à mesma matriz que atribui às camadas dirigentes o saber, opondo-se-lhes o fazer, necessariamente, associado às camadas subalternas da sociedade. Assim, supõem-se que tudo o que advém da ação das elites é resultante de um conhecimento superior, é fruto do pensar, é o **fazer artístico**, negando-se às camadas populares da sociedade a capacidade de pensar, a possibilidade de conceber e se expressar racionalmente. A estas só resta o mero fazer. O **fazer artesanal** (LIMA, 2009, p.101).

Assim como ao artesão lhe é negada a referência de arte às suas criações por sua simplicidade, cabendo a ele o sentido mais simplório da palavra que é artesanato, ao povo sem cultura, sem estudo, lhe é negada a arte erudita, por acreditar que essa camada da população não possui instrução suficiente para analisar e compreender uma obra de arte, pois ela se encontra muito além do seu conhecimento intelectual, a mesma está somente disponível à elite que possui saber o suficiente para ler e apreciar as entrelinhas de uma “verdadeira obra de arte”.

3 UM TIQUINHO DA HISTÓRIA DO ARTESANATO

O surgimento do artesanato se mistura com o surgimento do homem, os primeiros resquícios encontrados datam do Período Paleolítico ou "Idade da Pedra Lascada" (10.000 a.C.), que marcam a pré-história humana. Foi nessa época que ele descobriu o fogo, fato que causou a mudança dos seus hábitos alimentares introduzindo a caça e vegetais cozidos. Nômade, utilizava todo o recurso natural disponível em um determinado território, como caça, pesca, frutos e, após dizimá-los partia para outro local rico em alimentos. Por volta de 40.000 anos atrás, o homem começou a viver em grupos maiores e se estabelecer, criando moradias de peles de animais e gravetos.

São desta data as figuras rupestres gravadas, entalhadas ou pintadas nas rochas e cavernas que retratam a vida cotidiana e, principalmente, os animais encontrados na natureza, este tipo de registro podemos encontrar em várias partes do mundo. Cook (2005) relata que era comum o uso de ferramentas rústicas feitas de pedras, ossos, marfim e madeira que serviam tanto para a caça, para a preparação dos alimentos, quanto para a defesa de ataques de animais ou de outros homens de tribos inimigas.

Por volta de 18.000 a.C. a Terra passou por várias modificações climáticas e geológicas que duraram milhares de anos, mas modificaram drasticamente a vida vegetal e animal de todo planeta e, conseqüentemente, a relação entre o homem e a natureza. Entramos então, no Período Neolítico (6000 a.C), quando o homem começa a ampliar a sua vocação manual para a criação de objetos artesanais que auxiliariam na sua vida cotidiana; Fonseca (2015) relata que, agora já não eram mais nômades e, com o descobrimento da agricultura, fixavam-se em determinados locais, plantavam e domesticavam animais, criavam gado. Confeccionavam objetos mais bem acabados, pois poliam os mesmos no chão ou na areia, por isso esse período ficou também conhecido como "Idade da Pedra Polida". Ainda de acordo com o autor:

Na Era Neolítica os primeiros homens usavam o princípio da tecelagem entrelaçando pequenos galhos e ramos para construir barreiras, escudos e cestas. Os pássaros, construindo os seus ninhos e as aranhas suas teias, serviram como fonte de inspiração para o homem que, a partir da observação, criou uma nova técnica semelhante para

construir objetos necessários à sua sobrevivência (FONSECA, 2015, p.45).

Na vida cotidiana o artesanato surge como obra para facilitar os trabalhos diários de armazenamento, concretizado através de cestos confeccionados com peles de animais e, principalmente, de fibras vegetais e a criação dos vasos de cerâmica que serviam para estocar os alimentos excedentes da colheita agrícola; proteção, como para a construção de abrigos e roupas conforme Coppola (2010), cita:

Antropólogos acreditam que, por milhares de anos, o homem viveu sem a preocupação com o vestuário, pois seu corpo era coberto com uma densa camada de pelo (500.000 a 30.000 a.C), sendo que a partir do Paleolítico Superior (30.000 a.C) o homem passou a utilizar folhagem, peles (curtidas) e pelos de animais para produzir estruturas que utilizava para revestir o corpo e se proteger. Por um longo período não conhecia fiação ou tecelagem, usando, para a junção das peças, cordões de fibras vegetais, tiras de pele, tendões de animais, crinas, rabos de cavalos, nervos e garras de animais. Os instrumentos de costura eram confeccionados com espinhos, ossos e pedras perfuradas. Por volta de 5.000 a.C., no Neolítico, já podemos encontrar alguns produtos têxteis produzidos a partir do entrelaçamento de fibras. O que pode ter começado por um instinto casual, logo se tornou uma forma organizada e complexa (COPPOLA, 2010, s/p).

Registros dessa época mostram que o homem utilizava o artesanato para a criação de objetos rústicos que serviam tanto para a utilização cotidiana, como para adornos corporais que poderiam servir de proteção, como roupas feitas de peles de animais ou tecidos, com a fiação das primeiras fibras vegetais e animais, pinturas corporais, muito utilizadas até hoje pelos índios não só como adorno, mas para afugentar os insetos, se proteger do sol e contra espíritos maus (LUYNDIA, 2004).

Com o passar dos séculos, o artesanato ganhou mais força e, no século XI, começaram a surgir organizações lideradas por um mestre-artesão que possuía um grupo de aprendizes, do qual ele se encarregava de dar moradia, alimentação, vestuário e ensinamento da arte em troca de mão-de-obra barata. E cada corporação, tendo à frente o seu mestre-artesão, representava a sua cidade ou região, defendendo assim, seus interesses socioeconômicos, como nos relata Salvador (2011, p.15): “No início do artesanato os mestres eram aqueles que dominavam as técnicas e os aprendizes seguiam as orientações

dos mestres. O compromisso do artesão é consigo mesmo e não com o mercado, são considerados pelos críticos de autodidatas.”.

Do século X ao XII houve uma evolução no processo manual de fabricação. Os mestres-artesãos se fixavam nos arredores dos castelos para permutar seus artigos com os agricultores da região, favorecendo, então, o desenvolvimento da produção manual. Nesta cronologia Grangeiro (2015) acrescenta que:

Entre os séculos XII e XV emerge a instituição do artesanato regulamentada pelas corporações de ofício. Os artesãos da Idade Média se organizaram em corporações para suprir as demandas da burguesia por artigos de luxo, já que os feudos e mosteiros não eram mais capazes de dar conta da nova demanda (Pereira, 1979). Corroborando as ideias expostas acima, Saviani (1998) descreve como o artesanato se organizou em diferentes sistemas ao longo de sua história: de um sistema familiar na Idade Média, o artesão passa a organizar-se num sistema de corporações, deslocando-se para a cidade e produzindo para um mercado pequeno e estável (GRANGEIRO, 2015, p. 69).

Salvador (2011) relata que, com a expansão das cidades, ocorreram diversas transformações aos produtos artesanais. Com a Revolução Industrial (séc. XVIII), os produtos que eram somente feitos de forma artesanal, com matéria-prima retirada da natureza pelo homem, ganha lugar na economia e o artesão perde o seu espaço para os produtos produzidos em grande escala.

3.1 O Brasil feito à mão desde o índio

Estudos relatam que o artesanato no Brasil surgiu com os índios. Caminha (1500) em sua descrição detalhada a carta ao rei de Portugal, relata que quando as caravanas de Cabral chegaram ao Brasil os povos indígenas já produziam uma variedade de artesanato que ia desde a pintura corporal aos adornos corporais, da cestaria à cerâmica. Utilizando pigmentos naturais, penas e plumas das aves, por meio da arte plumária, produziam peças do vestuário e adornos corporais como cocares, colares, entre outros.

Caminha (1500), cita em sua carta:

(...) Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem

entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

(...) Dos que ali andavam, muitos – quase a maior parte – traziam aqueles bicos de osso nos beiços. E alguns, que andavam sem eles, traziam os beiços furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha. E alguns deles traziam três daqueles bicos, a saber um no meio, e os dois nos cabos.

E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados d'escaques. (...). (DOMÍNIO PÚBLICO², 2017)

No texto de Caminha já observamos algumas peças do artesanato indígena como arco e flecha para caçar, o sombreiro de penas para proteger do sol e para enfeitar, o colar de contas, o cocar de penas, além dos adornos de osso e madeira que colocavam em seus lábios como forma de adereço além de suas pinturas corporais. Sendo assim o artesanato indígena é genuinamente e porque não dizer, puramente brasileiro.

O artesanato brasileiro é muito rico e diverso, assim, as tipologias são encontradas por todo o país, ocorrendo algumas concentrações ou especificidades por região. Essa diversidade é devida ao processo de colonização no Brasil por culturas e povos variados no seu território, como pode ser verificada a distribuição pelo PAB, em 1995 (SANTANA, 2012), a seguir.

A região Norte possui em seu artesanato forte tendência indígena, com algumas pinceladas africanas e europeias. Suas tipologias variam a partir da cerâmica, com importante centro conhecido desde o período colonial se concentrando no estado do Pará e em um importante centro cerâmico em Manaquiri, no Amazonas. Muitos outros objetos artesanais são produzidos na região norte, como amuletos, trançados, fetiches, tecidos, cuias e cestos de fibras vegetais, bolsas de patchuli, enfeites de penas, a própria cozinha, além da farmácia do caboclo, tudo com forte influência indígena.

No Sudeste, principalmente no estado de Minas Gerais, as esculturas religiosas são de grande destaque, esculpidas tanto na pedra-sabão, quanto na

²<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000292.pdf> Acesso em 20 nov. 2017.

madeira. No vale do Paraíba e no litoral norte de São Paulo, o artesanato de santeiro e criadores de figura de presépio é o que predomina.

No Centro-Oeste é verificada a tecelagem com uma mescla de tradições indígenas e europeias, um dos destaques do artesanato que se estende de Goiás a Mato Grosso do Sul, variando de acordo com cada estado. A cerâmica, a cestaria e a lapidação de pedras preciosas também fazem parte do artesanato desta região.

Na região Sul, o estado de Santa Catarina, mais precisamente no vale do Itajaí, destaca-se a cerâmica com influência alemã. A renda de bilro, encontrada no litoral nordestino, também está presente na ilha de Florianópolis e no litoral de Santa Catarina. A região Sul, influenciada pelo ambiente pastoril e pelas fronteiras com os países platinos, possui um artesanato bem peculiar, com influências dos colonizadores lusitanos, e espanhóis devido à proximidade da região platina.

Já no Nordeste brasileiro o artesanato se distingue em duas regiões distintas, o litoral agrário e o mediterrâneo ou sertão pastoril. No sertão pastoril, zona da criação de gado e caprinos, se desenvolve o artesanato do couro, no agreste, rico em terras de massapê, a cerâmica. No litoral as rendas de bilro se destacam, principalmente nos estados do Ceará e Alagoas. Os cordéis e os ex-votos, peça importante ligada à religiosidade popular, são encontradas, principalmente, no Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Destacam-se, ainda, esculturas, em que bonecos de barro tomam forma de personagens, personalidades populares, ou simples figuras do cotidiano regional. O artesanato nordestino é muito rico, possui uma infinidade de outras artes como o bordado, o labirinto, as cestarias, os metais, enfim uma numerosa gama de produtos que recebeu influência direta das culturas indígena, portuguesa e africana.

A tipologia do artesanato europeu se evidencia no Brasil, trazido principalmente pelas mãos dos colonizadores portugueses e espanhóis com as técnicas da renda e do labirinto, que inicialmente eram usadas somente em objetos domésticos, mas passou a serem utilizadas na decoração de ambientes bem como também na moda (GRANGEIRO, 2015).

A tipologia do artesanato africano, que veio pelas mãos dos escravos, encontra-se, em maior destaque, na cerâmica de barro cozida, que tinha como principal função o uso doméstico, e no artesanato de ferro, onde eram esculpidos

os orixás africanos. E por fim, a tipologia do artesanato indígena, em que cada tribo desenvolve o seu próprio artesanato e desde o descobrimento até os dias de hoje não houve grandes mudanças, os artigos para a sua criação são as tintas naturais, provenientes de árvores e frutos. Vestimentas e acessórios confeccionados com penas e plumas de aves nativas, cerâmica, cestarias, máscaras de madeira e instrumentos musicais utilizados como passatempo ou em rituais sagrados.

Em meados dos anos 1980 ocorre, no Brasil, a revitalização do artesanato quando os estilistas veem a necessidade de se preservar as técnicas do artesanato que foram repassadas de geração em geração, juntamente com a incorporação de novos elementos ao artesanato, quer sejam formais ou técnicos. Porém, Santana (2012, p. 109) descreve sobre o Programa do Artesanato Brasileiro do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (PAB/MDIC³):

Apenas na década de 1990 que surgem as primeiras instituições que deram suporte e promoveram o artesanato no Brasil. Em 1995, surge o PAB/MDIC, com atribuição de elaborar políticas públicas para o artesanato e atuar nos eixos principais: promoção comercial por meio de feiras e eventos nacionais e internacionais; mapeamento do setor artesanal pelo Sistema de Informação do Artesanato – SICAB; promoção de capacitação para artesãos e multiplicadores com foco em empreendedorismo; e estruturação de núcleos de produção artesanal pelos PABs estaduais. Logo depois, em 1998, é implementado o Programa SEBRAE de Artesanato com alcance nacional, objetivando levantar informações sobre o cenário do artesanato brasileiro e atuar na formação dos artesãos, em diversas áreas vinculadas ao empreendedorismo, e no acesso ao mercado, para o fortalecimento do negócio do artesanato (SANTANA, 2012, p. 109).

Através de ferramenta digital o PAB controla o Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB), captando todos os dados sobre o setor artesanal. O sistema viabiliza o cadastro nacional integrado dos artesãos que facilita a busca de informações e permite a geração de relatórios consolidados.

Com ajuda e influência do designer, o artesanato brasileiro ganhou novos rumos, dando força e espaço à cultura regional no mundo da moda,

³ Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Portaria SCS/MDIC nº 29 de 05/10/2010. Brasília, 2010.

enriquecendo e criando alicerce conceitual a uma arte que para muitos não passa de uma frivolidade. De acordo com Grangeiro (2015, p. 71): “Produção artesanal que nos últimos anos, vem apresentando ritmo de expansão crescente, constituindo-se em atividade econômica com grande potencial de alargamento, inclusive como fonte de emprego e renda.”.

Verifica-se que, ano após ano, o artesanato no Brasil vem ganhando amplitude e força, graças a estilistas de renome, isso podemos confirmar quando o vemos valorizado nos grandes eventos e centros de moda do nosso país. Destacamos, entre outros, o estilista Ronaldo Fraga desfilou sua coleção Fúria das sereias, bordados feitos em João Pessoa nas passarelas do São Paulo Fashion Week, verão 2016⁴. O projeto Sereias da Paraíba, bordou escamas de peixe que seriam descartadas nas roupas de Fraga para serem vendidas, posteriormente. A coleção do inverno 2017 da mineira Fabiana Milazzo desfilada no São Paulo Fashion Week foi dominada por bordados feitos por ONGS de artesãos de Minas Gerais. A inspiração da grife veio da fauna, paisagens e arquitetura⁵ mineira.

3.2 Destacando o artesanato no Ceará

Povoado por numerosas tribos indígenas, mas colonizado pelos europeus, o Ceará produz elevada diversidade de tipologias artesanais sendo que algumas são produzidas em várias localidades e outras concentradas por regiões. A capital, Fortaleza, concentra todos os tipos devido ao movimento turístico e aparato comercial. Entre as mais expressivas manifestações artesanais em fios e tecidos, destacamos o bordado, a renda de bilro, o labirinto, o filé, as redes e o crochê.

Em palha de carnaúba encontramos cestarias, chapéus e bolsas; e temos, ainda, o artesanato em couro, barro e madeira. A infinidade artesanal criada pelos índios cearenses se incorporou, com o tempo, com a cultura europeia do povo português, que passou a habitar as nossas terras, e dos padres jesuítas

⁴ <https://oglobo.globo.com/ela/moda/ronaldo-fraga-inaugura-mostra-furia-das-sereias-18102832> Acesso em 17 nov. 2017.

⁵ <https://ludovica.opopular.com.br/editorias/moda/spfw-bordados-artesanais-dominam-desfile-da-fabiana-milazzo-1.1241883>). Acesso em 17 nov. 2017.

que catequizavam os índios e ensinavam novas artes trazidas do velho mundo. Costa (1978) nos relata que:

Deve-se aos Padres Jesuítas a primeira fixação de técnicas artesanais e sua sistematização através de processo regular de ensino. Os jesuítas ensinavam aos índios artes de dourador, pintor, escultor, ourives, relojoeiro, serralheiro, tecelão, marceneiro e fundidor. O colonizador europeu começa a exercer influência, introduzir outras técnicas por volta do século XVII. Começa então a chamada “civilização do Couro”. Surgiram, também nos núcleos urbanos, os ofícios e as artes mecânicas (COSTA, 1978, p. 8).

Uma das mais importantes e belas artes do nosso estado, inseridas pelos colonizadores portugueses, foi o artesanato desenvolvido no couro. A obra essencialmente poética de bordar o couro através de instrumentos rústicos que criam desenhos elaborados, mas de beleza singular, encanta quando vemos a roupa de um vaqueiro nordestino que se veste de uma armadura para se proteger dos espinhos da vegetação da caatinga, quando adentra o emaranhado de vegetação ressecada pelo sol escaldante e cactos espinhosos para capturar um boi fujão.

No Cariri cearense encontramos a forte influência de Padre Cícero Romão Batista, que além de ser um grande líder religioso de seu povo era também um educador. Sobre isso, Grangeiro (2015) relata que:

Após a realização de alguns trabalhos de assistência religiosa, Padre Cícero fixa residência em Juazeiro a partir de 1872 e, no mesmo ano, é nomeado pelo bispo o capelão da Capela de Nossa Senhora das Dores, tornando-se o primeiro padre do povoado (Braga, 2007). A partir de então se inicia no povoado um forte trabalho de catequização e orientação para o trabalho. Rabello (1967) relata que Padre Cícero orientava os moradores do povoado a fazerem de cada casa um altar e uma oficina. A ação evangelizadora que unia trabalho e fé foi importante para o desenvolvimento da região e de Juazeiro, não só em termos religiosos, mas políticos, econômicos e sociais. Devido às estiagens periódicas pelas quais a região passava, a população não podia depender unicamente do trabalho rural. Também a distância entre Juazeiro e os principais centros urbanos era uma imposição para que os habitantes do lugarejo procurassem outras atividades econômicas que garantissem sua subsistência. Neste momento, começa a tomar forma o trabalho artesanal como atividade econômica de subsistência na região (GRANGEIRO, 2015, p. 74):

O mapeamento das tipologias presentes no Ceará, desenvolvido pelo PAB e disponibilizado pela Central de Artesanato do Ceará (CEART), nos mostra que nas Serras de Aratanha e Baturité predomina o artesanato de origem

indígena em palha de bananeira, madeira e cipó; no Cariri, peças em couro e em ouro são as mais marcantes, embora também sejam encontradas réplicas dos fósseis existentes na região (BNB, 2002, GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 1996). Destaca-se a obra do artesão Mestre Espedito Seleiro, inspirada na história do cangaço.

A região da Ibiapaba trabalha com excelência artesanato feito da palha em bolsas, chapéus, tapetes e redes entre outros; artigos em madeira, barro e tecelagem, principalmente bordados em estilo nórdico. No Polo Jericoacoara, área de concentração turística, peças em palha de carnaúba, couro, cerâmica, além de redes, bordados, renda e crochê. Outro local turístico e litorâneo, o Polo Canoa Quebrada concentra artesanato em renda de bilro em Aquiraz, a cerâmica e o cipó em Cascavel, as famosas garrafas de areia colorida em Beberibe e a palha e o labirinto no Aracati.

A história nos mostra que as localidades litorâneas são onde ocorre maior concentração de rendeiras e bordadeiras que povoavam o nosso vasto território, enquanto os seus maridos iam por longos períodos ao mar, para pescar, elas ficavam a bordar. Essa tradição ainda permanece, mesmo que, proporcionalmente, em escala bem menor em relação às famílias de séculos atrás. Filgueiras (2005) relata que no estado, o município de Itapagé ficou conhecido como a capital do bordado na década de 1980: “No Brasil a maior representatividade de peças bordadas está no estado do Ceará, e Itapagé é a cidade mais tradicional na produção e comercialização destas peças tipicamente nordestinas” (FILGUEIRAS, 2005, p.96). A prefeitura de Itapagé criou o projeto PRO-ITA, com o intuito de incentivar a produção do bordado local envolvendo artesãos, estilistas, o SEBRAE e a própria prefeitura. Iniciativas como essas fazem com que a cultura do bordado seja reconhecida como identidade cultural e faz com que a população de uma região tenha uma fonte de renda alternativa complementando a renda familiar.

4 BORDANDO O BORDADO

Giorgio Vasari foi conhecido como o primeiro historiador da arte, através do seu livro *Vite*, registrou a biografia dos principais artistas do Renascimento. Segundo ele, o indivíduo só era considerado artista se houvesse uma real distinção de suas obras dos demais contemporâneos configurando um estilo próprio. O artista era definido pelas habilidades técnicas, baseadas no desenho, escultura e arquitetura, sendo o desenho interpretado como uma atividade concebida pelo cérebro e executada pelas mãos, logo uma ação mental. Esse é o ponto que separa as artes ditas “superiores” das “inferiores” (GOLDSTEIN, 1996). Desde então o artista aplicado, que trabalha com bordado e tapeçaria, foi atrelado ao artesanato, sendo incapaz de realizar “a grande arte”. As artes aplicadas foram associadas ao trabalho feminino. Isso explica o fato das artistas terem sido excluídas das academias. Em nome do pudor foi vetado às mulheres o estudo de modelo vivo que era monopólio das instituições, conseqüentemente não puderam realizar as ditas artes superiores como a pintura de história e ou retratos (NOUCHIN, 1973).

Às mulheres ficaram estritas os gêneros ditos “inferiores”, como a pintura decorativa, aquarelas, naturezas-mortas, pintura de porcelana e um destaque maior na tapeçaria e bordado. Desde sempre, o bordado é tido como uma atividade que se enquadra ao sexo feminino por sua graça, encanto e domesticidade (CHADIWICK, 1996).

Existem estudos arqueológicos que indicam que homens e mulheres há 37 mil anos teciam e costuravam. A história da tecelagem acompanha a história da sociedade, principalmente a história da mulher à qual lhe é dado o dever de tecer e tramar:

O tecer disciplina as mãos de mulheres libidinosas, faz concentrar; é feito rezar o terço. A agulha foi utilizada como remédio pelos patriarcas das igrejas, ue consideravam a mulher tendente à licenciosidade sexual se nada tivesse para ocupar as mãos (...) as rainhas não se envergonham de tecer e costurar (SENNETT, 2009, p.72).

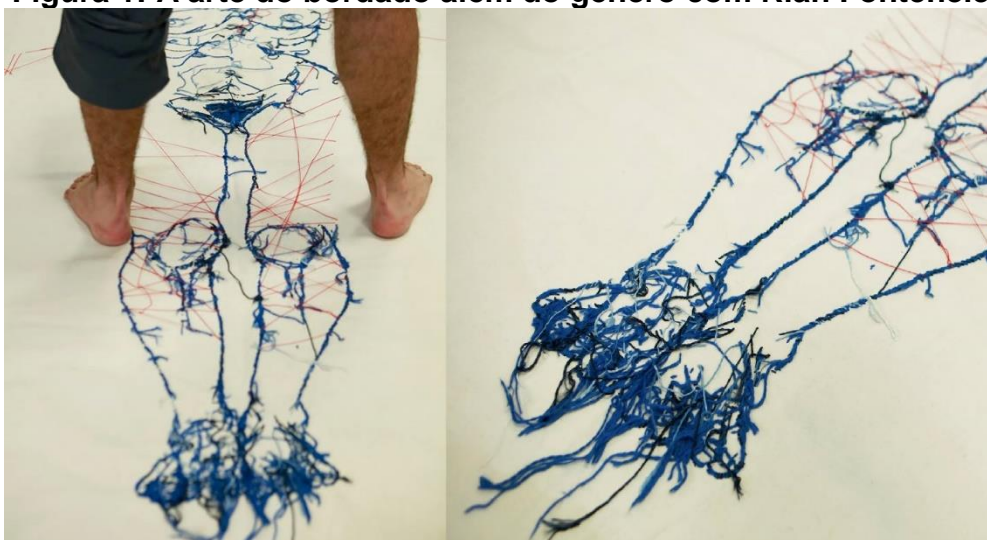
Segundo Thiago (2010), no continente europeu a partir do século VII, era comum nos castelos, rainhas e suas damas bordarem brasões, armas, escudos e pendões em ouro e prata, em roupas, flâmulas e outros adereços, e essa atividade fazia parte do dia a dia da nobreza feminina. As mulheres que

trabalhavam nos conventos eram conhecidas por seus bordados com alto padrão de luxo e beleza. Sua arte era vista nos trajes do clero e ornamentos para as igrejas.

O bordado é uma arte ancestral, transmitida de mãe para filha. A agulha faz as vezes de pincel, as linhas a tinta e o tecido a tela. Ali as mulheres eram permitidas a mostrar sua arte que seria exposta em uma “galeria apropriada”, ou seja, o seu lar. No início do século passado nas escolas, aos meninos eram educados a ciência e o trabalho público, enquanto às meninas a cuidar e administrar a casa e serem boas mães. Eram ensinados o bordado, tapeçaria, tricô, enxoval, crochê e costura (BRUN e BRASI, 2016). Artistas como Leonilson e Artur Bispo do Rosário foram os precursores da utilização dessa linguagem nas artes visuais; entretanto, atualmente temos inúmeros artistas nacionais e internacionais investigando essa tessitura. “Na contemporaneidade, artistas visuais iniciaram um processo de apropriação, em seus trabalhos e processos desses elementos, da costura, e do bordado (GUIMARÃES, 2015, p.5).

Observamos que o bordado está tomando um direcionamento mais livre tanto de gênero, como também entrando em um território em que era totalmente excluído como o das artes. Podemos exemplificar o artista plástico cearense Rian Fontenele que desenvolve, dentre algumas técnicas, telas com a interferência do bordado, podendo ser visualizado na Figura 1.

Figura 1: A arte do bordado além do gênero com Rian Fontenele



Fonte: Rian Fontenele, no seu perfil no facebook⁶

⁶ <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10215437960888660&set=pb.1426825271.-2207520000.1512420289.&type=3&theater> Acesso em 04 dez. 2017.

Essa tipologia artesanal está se ganhando força, desvincilhando-se dos “antigos padrões”, onde era considerada uma atividade puramente feminina, e saindo do território “confortável” de cama, mesa e banho, para as paredes de galerias.

4.1 Bordando alternativas na arteterapia

Linhas da psicologia como a junguiana, psicanálise e gestalt foram as que mais abordaram a arteterapia. Embora todas tenham sua forma de trabalhar com o fazer criativo, concordam que a arte seja um propulsor do autoconhecimento e criatividade tanto no âmbito individual como em grupo. Jung utilizava o desenho como uma simbolização do inconsciente individual e coletivo (ANDRADE, 2000, p.52): “Entre os anos 1920 e 1930, as teorias de Freud e Jung trouxeram as bases para o desenvolvimento inicial da arteterapia como campo específico de ativação segundo descrevem Carvalho e Andrade (1995)”.

Apesar de não utilizar a arte como instrumento no seu trabalho de psicoterapia, Freud acreditava que a imagem é uma forma privilegiada de “alcançar” o inconsciente. Os autores Carvalho e Andrade (1995) relembram que Freud, ao analisar algumas obras de arte (por exemplo, o Moisés, de Michelangelo), observou que elas expressavam manifestações inconscientes do artista, considerando-as uma forma de comunicação simbólica, com função catártica. A ideia freudiana de que o inconsciente expressa por imagens, tais como as originadas no sonho, levou à compreensão das imagens criadas na arte como uma via de acesso privilegiada ao inconsciente, pois elas escapariam mais facilmente da censura do que as palavras. O bordado ao mesmo tempo que nos aprisiona a linha, a agulha, e ao tecido com o movimento repetitivo vai nos envolvendo em universo só nosso, nos libertando de tudo que é externo. O ato de bordar é um momento só seu, de você consigo mesma (REIS, 2014b).

A educadora norte-americana Margareth Naumburg (1890-1983) pode ser considerada a fundadora da arteterapia, pois foi a primeira a sistematizá-la, em 1941 (ANDRADE, 2000). Seu trabalho é denominado Arteterapia de Orientação Dinâmica, e foi desenvolvido com base na teoria psicanalítica de Naumburg (1966). Nessa perspectiva, as técnicas de arteterapia visam facilitar a projeção

de conflitos inconscientes em representações pictóricas, sendo esse material submetido à interpretação segundo o modelo teórico proposto por Freud.

No Brasil a arteterapia foi implantada pelos psiquiatras Osório Cesar (1925) e Nise da Silveira (1946) que foram substituindo os métodos agressivos de contenção da época como eletrochoque e isolamento usados nas instituições de saúde mental pela eventual cura através da arte. Nise da Silveira afirmava que nesse caminho alternativo, foi construído um tratamento mais humano, com inegáveis efeitos terapêuticos na reabilitação dos pacientes, que promovia “a recuperação do indivíduo para a comunidade em nível até mesmo superior àquele a que se encontrava antes da experiência psicótica” (SILVEIRA, 2001, p.19).

Osório Cesar realizou mais de cinquenta exposições com obras feitas por doentes mentais, levantando a bandeira da dignidade humana, pois acreditava que fazer arte proporcionava a cura por si, já que abria uma porta para o conhecimento do eu interior.

Uma característica comum às terapias com arte é que, por meio da vivência expressiva, o sujeito “pode dar-se conta do que de fato sente e, durante esse processo, pode verdadeiramente fazer algo que assim o represente e a ele faça sentido” (Andrade, 2000, p.33). Para Carneiro (2016, p. 1) “A Arteterapia é uma modalidade terapêutica pautada nas diversas abordagens psicológicas que visa tratar o sofrimento humano por meio da arte.” Ainda de acordo com o autor:

O acompanhamento arteterapêutico propicia mudanças psíquicas, facilita a expansão da consciência, oferece formas criativas para resolução de conflitos internos e estimula o desenvolvimento do potencial humano. Restaura a criatividade, aumenta a autoestima e a segurança emocional, realizando o tratamento biopsicossocioespiritual (CARNEIRO, 2016, p.1).

Nesse mesmo contexto, Diniz (2010) defende que, por meio de diferentes técnicas artísticas, a arteterapia se configura como uma atividade que atua na prevenção, recuperação e manutenção da saúde psíquica possibilitando a comunicação do indivíduo consigo mesmo. Diniz ressalta que atividades artísticas, manuais, facilita expressar as emoções através dos símbolos, desvela imagens sombrias que fazem parte do inconsciente o que facilita a reorganização interna e a reconstrução com a realidade.

5 METODOLOGIA

A pesquisa, de enfoque qualitativo e descritivo, é composta de revisão de literatura e complementada pela imersão em campo. Por se tratar de um relato de experiência, buscou-se observar e compreender comportamentos perante a bibliografia consultada.

São investigados procedimentos e atitudes humanas, se arte e terapia se correlacionam e, conforme a literatura, se o objetivo da arteterapia funciona no grupo investigado.

Conforme recomendam Sampieri *et al.* (2013,) no tipo de metodologia aqui aplicada, a pesquisa bibliográfica, a coleta de dados e a análise podem ocorrer simultaneamente. O grupo investigado é composto por oito mulheres, com idade variável entre 45 e 65 anos, que participam de um grupo de bordado.

Os procedimentos adotados envolvem um roteiro semiestruturado para as conversas com as entrevistadas – as participantes do grupo de bordado “É do bordado”, onde nos encontrávamos nas manhãs de sábado no ateliê de Kátia, uma das componentes que tem o endereço na rua Carlos Vasconcelos, 2281, foi necessário apenas um encontro para colher as informações das participantes. São observados aspectos implícitos e explícitos, sem se impor pontos de vista, buscando entender as participantes, seguindo a indicação dos autores citados.

6 BORDANDO... E VIVENCIANDO ARTETERAPIA

Os trabalhos têxteis têm muito destaque na superação de traumas ou lutos. Segundo Collier (2011), a partir dos estudos de Francys Reynolds, “artes têxteis permitem às mulheres lidar com o luto, a depressão e uma série de deteriorações físicas para expressar, reabilitar e lidar com as suas doenças enquanto simultaneamente experienciam alegria, confiança e laços sociais.” (COLLIER, 2011, p.104).

O bordado sempre foi visto como uma atividade feminina, no entanto, existem registros de soldados se utilizarem dessa arte como forma de tratar seus traumas pós-guerra. Tomamos como exemplo a história do soldado e artista inglês, Ernest Thesiger que, durante a Primeira Guerra Mundial, feriu gravemente as mãos e teve o bordado como reabilitação. A Figura 2 mostra uma peça bordada por soldados vítimas da guerra, uma toalha presenteada para a rainha e ser colocada no altar da capela do Palácio de Buckingham, desenvolvida na atividade artesanal e terapêutica de reabilitação. Gil (2017) relata que Thesiger fundou, em Londres, uma associação chamada *Disabled Soldiers' Embroidery Industry* cujo objetivo foi dar uma fonte de renda alternativa àqueles homens que não teriam condições de retomar suas atividades anteriores à guerra, além de se expressarem artisticamente e tratarem possíveis traumas.

Figura 2 – O bordado transformando vidas



Fonte: Ernest Thesiger⁷

⁷ http://www.ernestthesiger.org/Ernest_Thesiger/Disabled_Soldiers_Embroidery_Industry.html Acesso em 04 dez. 2017.

Como já relatado anteriormente, técnicas e processos da arte manual são, na atualidade, amplamente utilizados nos procedimentos de terapia. Aliar processos artísticos e terapia tem provido e promovido progressos nos tratamentos terapêuticos já comprovados cientificamente e demonstrados nas discussões da fundamentação teórica aqui apresentada. A seguir, relatos de experiência sobre arteterapia.

6.1 Relatando vivências

Sou estilista e estou compondo a equipe de estilo de uma marca de moda feminina há quinze anos. Tenho certeza que escolhi a profissão certa, pois amo criar, pesquisar, escolher tecidos, aviamentos, trocar ideias com modelistas, conversar com as costureiras e tudo o que está envolvido nesse processo. Contudo, senti necessidade de fazer algo a mais, que falasse de mim com mais profundidade, que fosse totalmente autoral. Algo único e que ao mesmo tempo enaltecesse o artesanato e a cultura nordestina.

O bordado foi, sem dúvida, a minha primeira opção. Vi nele um leque de possibilidades, começando por roupas, sandálias e hoje mais especificamente pingentes. Neles eu deposito todo amor, arte, poesia e sentimentos que me tomam no ato em que estou executando cada peça. Registro cada uma delas e exponho em redes sociais para divulgar e comercializar em forma de encomendas.

Comecei a bordar para me ajudar profissionalmente, queria dominar a arte do bordado para melhor transmitir às bordadeiras que iriam produzir de fato as minhas peças. Mas aí o inesperado aconteceu, minha mãe sofreu um acidente vascular cerebral (AVC), e ficou internada no hospital durante quatro meses e meio (Figura 3). Então, por todo esse tempo tive que acompanhá-la, e o bordado foi o meu fiel companheiro, que me acalentou nos momentos de angústia, coloriu os meus dias cinzentos e as horas, que estavam cada vez mais longas e amargas, se tornavam mais curtas e doces.

Figura 3 – Luz e cor em momentos de angústia



Fonte: A autora (2017)

Percebi verdade e coerência nas palavras de Arcuri (2004), quando fala que a arteterapia age a serviço das leis da necessidade interior, que são também as leis do chamado à espiritualidade. Assim como o corpo tem necessidade de trabalho, de fortalecimento muscular, a alma necessita ser revigorada, e a arte é capaz de fortalecê-la.

Desde sempre, quando quero relaxar, o bordado é minha melhor opção. A preparação desse ritual de prazer já vai me colocando em estado de mansidão e felicidade. Pego o meu caderno de desenhos, sim, desenvolvo cada desenho como muito amor, e passo para o tecido o que criei para cada pessoa que me pede um bordado personalizado. É uma delícia poder desvendar e propor algo especial para alguém.

Depois de aprovado um esboço, parto para a escolha de linhas e aí o nascer de uma criação que ganha vida com suas formas e cores. É maravilhosa a sensação de vitória, de superação, de ter cumprido um novo desafio... sinto-me forte, autoconfiante, feliz e pronta para o novo. Nesse momento relaciono essas sensações com o que Carneiro (2016) aponta: a resolução de conflitos internos, restauração da criatividade e o aumento da autoestima.

Meus bordados, em sua maioria, são personalizados, feitos sob encomenda, assim descobri como é adorável a troca com o outro, de saber o que deseja, se é algo significativo para ele ou para alguém que se quer presentear com um mimo especial, feito com exclusividade. Diante de um comércio tão impessoal surge uma forma de presentear ou ter algo único e cheio de afeto, feito de forma totalmente manual, saber um pouco da história de alguém, materializar seus desejos e melhor, surpreendê-lo.

Nesse caso, não tem como dar resultados exatos, nunca um mesmo objeto sairá igual ao outro, pois o bordado depende do estado de espírito de

quem o faz e como suas mãos e alma refletem naquele momento. Nem eu sei como será o resultado e essa é a melhor parte, a criatividade vai fluindo e levando a um estado de êxtase que se materializa em arte, ver que no final ficou encantador, pois muito amor foi depositado. Inúmeras vezes me vejo apegada aos bordados e a vontade é de ficar com eles... e os tomo como meus de tanto sentimento que foi depositado. Mais uma vez vem a satisfação e a emoção envolvidas e junto, contentamento e prazer. Como não amar algo que traz tantos sentimentos bons?

Nesse sentido, vivencio o bordado como uma atividade artística terapêutica, sobre a qual Philippini (2009, p. 67) afirma que: “no processo arteterapêutico, tecer equivale a ordenar, a articular, entrelaçar, a organizar, a apropriar-se do fluxo criativo e existencial (...)”. Tenho a sorte do meu trabalho, principalmente o autoral, ser minha terapia, me restabelece e fortifica emocionalmente. Descobrir que quanto mais produzo, mais meu espírito se sente melhor... É um privilégio para poucos e saber tirar proveito dessa arte e, se utilizando de empreendedorismo, é o casamento perfeito.

Na atualidade o homem fala da perda da alma e procura alternativas em busca de uma integração por intermédio da arteterapia. Ele, que poderia desenvolver uma expansão da consciência, isto é, ter uma atividade de escuta total de si mesmo, colocando o mental de lado para tornar-se um grande receptor, encontrando o amor e a auto aceitação, na arteterapia ocorre a transformação da dor em arte, fato que lembra uma mensagem hindu que diz “transforma o veneno em néctar” (ARCURI, 2004, p. 27). O bordado se “estabeleceu” na minha vida em um momento de muita dor, fazendo com que o sofrimento fosse amenizado e me mostrando um dom que não conhecia e nem imaginava ter. Faço minha arte por amor e hoje também consigo lucrar com ela.

6.2 Instigando a sociabilidade

No curso de bordado “ O bordado vai bem, obrigada” que fiz no período de agosto a setembro de 2016 todos os sábados pela manhã, várias colegas confessaram que estavam lá por orientação de seus psicólogos, psiquiatra ou até mesmo médicos que as acompanhavam, o melhor é que com o decorrer do curso também havia os depoimentos de o quanto o bordado estava fazendo bem para cada uma de nós, principalmente no quesito autoconfiança e prazer.

Na sala de aula me deparei com mulheres de várias idades, profissões, classes sociais, credos e gostos diversos. Vi pluralidade o que, para mim, é sinônimo de riqueza, pois sabia que além de pontos e arremates eu teria muita troca de conhecimento e vivências. Éramos mulheres com alguns objetivos em comum, o amor pelo bordado e a vontade de trocar ideias, experiências e tomar um gostoso café. As manhãs de sábado eram regadas de risadas, boa conversa, linhas, cores e agulhas que desenhavam nossos sonhos de fazer arte por puro prazer e falta de compromisso, a não ser com o nosso bem estar (Figura 4). Foi então que me descobri bordadeira. Logo quando terminou o curso ‘O bordado vai bem, obrigado!’ fizemos um grupo chamado ‘É do bordado’ para dar continuidade àquelas manhãs tão cheias de prazer e laços cada vez mais fortalecidos apesar das diferenças.

Figura 4 – Bordando e sorrindo



Fonte: A autora (2017)

Para Jung (1977, p.22) “do mesmo modo que o indivíduo não é apenas um ser singular, separado, mas também um ser social, a psique humana também não é algo isolado e totalmente individual, mas também um fenômeno coletivo.”. Assim, algumas de nós começamos a bordar apenas para ter um novo grupo de amizade ou preencher o tempo, ou se sentir útil de alguma forma, ou simplesmente pelo fato de aprender algo novo. Muitas vezes não importava se existia o dom ou aptidão das artes manuais, mas a vontade de estar ali no convívio de outras pessoas.

Cada uma de nós tinha um porquê de estar no grupo. Percebi que o maior incentivo em fazer o curso de bordado não era exatamente aprender a bordar e sim, estar inserida em núcleo de pessoas com as quais se possa ter uma relação de troca de experiências, fazer novas amizades, expandir conhecimento e o

bordado era mera consequência. Mulheres em sua vida adulta com suas angústias pessoais que com o passar do tempo, a partir do momento em que os laços começam a ser estabelecidos, que as afinidades afloram, vamos descobrindo e partilhando, os anseios e carências de cada uma.

A solidão é um fator bastante presente entre as participantes, mulheres maduras em que muitas vezes os filhos já estão adultos, seguindo o seu caminho próprio, tendo compromissos e prioridades em que a mãe está cada vez mais ausente; outras separadas e que o ciclo de amizade se restringe muito à do casal, veem a necessidade de novas amizades; e algumas aposentadas querendo preencher o seu tempo com uma atividade. O bordado é um agente agregador e plural, faz com que pessoas diversas se sentem em volta de uma mesa cheia de tecidos, linhas, tesouras e agulhas, consigam falar de suas vidas e compartilhar um bocadinho de sua intimidade como se ali fosse um campo neutro no qual pode se despir de máscaras, um momento seu em que cada uma pode ser você mesma, como associa Leloup (2012):

(...) há um elo entre as mãos e o cérebro. Quando, por exemplo, rezamos um terço, quando temos as ocupadas em um trabalho manual, quando temos alguma coisa entre nossas mãos, nosso mental, nossa psique, se acalma (LELOUP, 2012. p. 124).

O próprio ato de bordar tem poder relaxante e transformador, fazer algo com as próprias mãos eleva a autoestima, traz prazer e autoconfiança. Durante a semana que antecede o nosso encontro escolhemos em qual casa será realizado, sempre revezando entre nós. A expectativa do encontro sempre existe e discutimos qual o tema do bordado e os pontos a serem utilizados. Quase tão importante quanto o bordado é o menu a ser servido, afinal não é só o bordado que agrega uma boa conversa, a comida também era destaque e quem tem seus dotes culinários sempre é mais explorada.

É nesse contexto que o grupo de bordado nos faz resgatar sensações e sentimentos que algumas de nós já tínhamos perdido, às vezes até o prazer de sorrir! O senso de equipe e solidariedade nos estimula a poder construir algo concreto, o companheirismo de uma simples carona para ajudar a não faltar ao compromisso do bordado, o cuidado de uma ligação ou aquela “chamada” no WhatsApp para saber o motivo de você não ter ido ao encontro, e o melhor, que sentimos a falta da outra, os desafios em que nos colocamos quando queremos

fazer algo novo como um ponto nunca antes feito e que vai ter uma companheira que ajudará se tiver alguma dificuldade.

Cada encontro, a cada dia, nos descobrimos e nos conhecemos mais. É interessante, portanto, relatar o perfil de cada uma das participantes do grupo. É do bordado começando por **mim** que sou estilista, 45 anos, casada, tenho um filho de seis anos e meus pais demandam muito minha atenção, faço pequenos pingentes bordados e essa atividade complementa minha renda, meus produtos são comercializados em feirinhas que participo e em mídias digitais. **Kátia**, 54 anos, é formada em moda e tem dois filhos já casados, dá aula de bordado e vende os seus produtos que vão desde sapatinhos, roupinhas de bebê, bolsas e *nécessaires*. **Nadja** é geógrafa, 50 anos, casada, tem uma filha universitária e ama artes manuais, faz lindos bordados em bastidor. **Jacira**, 65 anos, é contadora e professora universitária aposentada, borda suas roupas e das netinhas. **Vânia**, 52 anos, é jornalista, professora universitária e radialista, divorciada, tem filhos já adultos e cada um na sua profissão, adora bordar produtos de casa. **Bárbara**, 54 anos, divorciada, é uma médica alemã que ama o Brasil e tem dois filhos adolescentes, borda por diversão. **Rosa**, 65 anos, é médica aposentada, casada, seus filhos são adultos, ama cuidar dos netos e borda para não ficar ociosa. **Socorro**, 64 anos, aposentada mas ainda trabalha, viúva, tem uma única filha adulta e aprendeu a bordar na adolescência.

No tópico a seguir apresentamos os depoimentos de cada uma das participantes do grupo “É do bordado” e também da psicóloga e terapeuta Gueira de Vilhena

6.3 Bordando sentimentos

O bordado entrou na minha vida em um momento bem difícil para mim, eu estava com começo de síndrome do pânico e fazendo terapia já há algum tempo com uma psicóloga e ela havia me recomendado a ir a um psiquiatra para começar a tomar remédio. Acabei não indo achando que poderia controlar sozinha e na mesma época tive chicungunha e fui a um geriatra que me passou um rivotril sublingual para tomar somente quando estivesse na crise. Foi que quando vi no *facebook* o anúncio de um curso de bordado e resolvi me inscrever.

A primeira vez que eu fui para o curso, eu pilotava moto e quando terminou, fiquei simplesmente apavorada, não sabia como sair de lá e chegar em casa, resolvi me acalmar e pensei, será um quarteirão por vez e o bordado me deu forças para não desistir e consegui terminar os três meses de curso.

O bordado transformou a minha vida porque eu comecei a enfrentar os meus medos além de me encontrar no bordado. Tenho muita facilidade

de aprender observando e depois de cada aula eu chegava em casa e fazia vídeos do que tínhamos aprendido no dia. Quando acabou o curso decidimos formar um grupo chamado “É do Bordado”, éramos, eu, a Cândida, Socorro, Rosa, Nadja, Vânia, Barbara e Jacira. Começamos nos encontrando na casa de algumas até ficar fixo na minha casa, porque eu tenho muita coisa, como diz meus filhos eu sou a “Kátiareco”, eles dizem que eu guardo tudo, eu tenho tudo. Nesse momento eu me vi passando por dificuldade financeira, a empresa que tinha estava cada vez pior e não consegui ver uma saída. Foi quando resolvi montar um curso de bordado, pois as próprias “meninas” queriam fazer um curso avançado e onde tínhamos feito não estava ofertando. Estudei, pesquisei e preparei um curso, onde bordamos um livrinho com 24 pontos que também é comercializado pela internet. Além de dar aulas de bordado, também desenvolvo acessórios como bolsinhas, paninhos com desenhos, entre outros.

O bordado ressignificou a minha vida, fez com que eu não precisasse mais tomar o rivotril, me curei da síndrome do pânico e estou de pré-alta da minha terapia. Estou muito feliz comigo, já vou começar mais um novo curso de bordado na aquarela (KÁTIA, 54 anos).

Desde criança me senti atraída por trabalhos manuais, influência da minha avó que fazia renda de bilro e da minha tia que me ensinou a fazer crochê aos 8 anos de idade. Conheci o bordado através de revistas, e aos 20 anos de idade comecei a aprender ponto cruz. Também como autodidata, comecei a bordar vestidos de festa com pedraria, mas depois de algum tempo, precisei parar por uma forte crise de artrite, problema que trato até hoje, mas que está controlado. Em 2016, o bordado apareceu novamente no meu caminho, desta vez por recomendação da psicóloga, que me sugeriu desenvolver uma atividade prazerosa de forma a me auxiliar no tratamento que estava fazendo. Problemas familiares me levaram a fazer esse tratamento. Pensei logo no bordado, decidi fazer um curso de bordado livre para aprender vários pontos, pois eu dominava apenas o ponto cruz. Já vou dizendo que o primeiro dia de aula foi espetacular, além da agulha, da linha, do tecido, tive a oportunidade de conhecer pessoas lindas, que tinham o mesmo encantamento que eu pelo fazer manual. Me senti acolhida naquela turma, ali era o meu lugar, todas as aulas eram só alegria e aprendizado. Depois que o curso terminou, formamos um grupinho de bordadeiras que se reúne até hoje para bordar, contar histórias, comer e rir muito. Eu aprendo muito com minhas amigas, admiro cada uma delas e compartilho com todas um sentimento de pertencimento mágico do bordado manual tradicional (NADJA, 50 anos).

Aprendi a bordar aos 12 anos de idade, para ser obediente ao meu pai. Depois que bordei os enxovais de meus bebês, descobri o real prazer de bordar. Faz dois anos que reencontrei a arte com um grupo de bordadeiras. Fiz o curso para iniciantes e o avançado simultaneamente tamanha a sede por novas descobertas de viver com arte. Bordado criativo para mim é vida colorida, emoções construídas no pensar, planejar, desenhar, escolher de fios e cores. Contar e criar histórias, eternizar emoções em cada ponto.

Bordado Criativo é mais que terapia, é se envolver com arte em amizades que se multiplicam a cada ponto a desenhar sorrisos, cumplicidade, alegrias a afagar tristezas indelévels ou imperceptíveis. Ao bordar a imaginação voa com o tempo. Tempo de sonhar majestoso como magia e satisfação de fazer o bonito ser maravilhoso. Tão mágico

que bordo simultaneamente três ou quatro projetos. Construir novas emoções coloridas faz bem para a alma (JACIRA, 65 anos).

Sou jornalista da Universidade Federal do Ceará e também sou professora universitária tanto na Unifor quanto da Uni7 na área de jornalismo, e devo me aposentar do serviço público em 2018. A minha procura pelo bordado vem em função de uma série nostálgica na minha vida, um período de separação do divórcio e os meninos foram crescendo e a vida da gente vai ficando meio vazia, então a ideia de procurar o bordado foi além de buscar uma arte manual, mas ocupar o tempo, principalmente para conhecer pessoas e a partir delas formar grupos que se estendam por toda uma vida. Na verdade, é aliar um pouco dessa teoria do bordado com a prática, com a vivência e principalmente com a questão do relacionamento.

O bordado hoje faz parte da minha vida, nós fizemos um grupo muito forte que se sustenta desde o ano passado, no sentido de encontros, de manter um relacionamento e a gente tem propostas que no futuro pretendemos implementar, como trabalhar com exposições e ações sociais, coisas mais estratégicas. Mas a ideia inicial é que a gente mantenha esse relacionamento forte, saudável, gostoso, aquecedor, e que outras pessoas venham se unir ao nosso grupo para que possamos caminhar cada vez mais próximas nessa coisinha que se chama vida (VÂNIA, 52 anos).

Sou uma amante do bordado e das artes em geral. Gosto de pintar, costurar e devo confessar que o bordado está na minha vida desde criança. Aprendi o ofício com minha mãe e é algo que me ajuda muito na minha concentração como anestesiológica.

Quando bordo tenho um momento só meu, dedicado só a mim mesma e aos meus pensamentos. Faço um transporte de boas energias e canalizo para o meu trabalho me trazendo muita felicidade. Amo os bordados que faço pois eles são feitos com muito sentimento (ROSA, 65 anos).

Comecei a bordar na minha pré-adolescência com a minha mãe, ela ensinou os pontos que sabia, eram poucos, mas o pouco que aprendi eu ajudava a ela a fazer o enxoval dos meus irmãos mais novos e assim foi o início. Casei e ainda cheguei a bordar algumas peças para mim, como colchas de cama e almofadas. E depois de muitos e muitos anos nunca mais tinha bordado.

No ano passado (2016) fiquei sabendo de um curso para iniciantes e fiz. Lá encontrei uma amiga, a Kátia, que passou a ser professora, formamos um grupo que até hoje nos reunimos e através do nosso grupo, a Kátia que era aluna e agora passou a ser nossa professora, nos passou mais o conhecimento dela, dando para a gente mais outros dois cursos como aprofundamento no bordado e o bordado aquarelado. Eu quero dizer que estou me sentindo muito bem em ter aprendido vários pontos. Quando estou bordando, para mim é uma terapia.

Gente, é muito bom bordar, aqui está meu ponto de vista, quem tiver a oportunidade de fazer um curso de bordado à mão, faça. É muito gratificante. É isso aí... A minha vida no bordado (SOCORRO, 64 anos).

Sou médica obstetra e o bordado entrou em minha vida na própria escola em que estudava na Alemanha. Lá era ensinado ponto cruz e costumávamos bordar toalhas.

Me distanciei por um bom tempo dessa atividade artística e já no Brasil resolvi retornar em 2016 através de um curso e quando terminou, algumas colegas continuaram a se encontrar e hoje bordo por lazer. O bordando nos uniu (BÁRBARA, 54 anos).

A Figura 5 apresenta imagens do grupo 'É do bordado' e algumas de suas criações em bordado.

Figura 5: Bordando sentimentos



Fonte: A Autora (2017).

Os relatos das participantes do grupo seguem à mesma linha do relato de uma psicóloga que utiliza a arteterapia como processo de tratamento às suas pacientes. Entrevistada, a terapeuta nos esclarece que:

Sou psicóloga, assim que terminei minha formação fui fazer o curso de arteterapia com o psiquiatra Raimundo Severo, essa experiência foi muito importante para mim. Primeiramente a intenção era de fazer um aprimoramento profissional, no entanto, fui surpreendida por um enriquecimento pessoal. Fui acessando recursos internos em mim mesma e de repente descobri que estava, na verdade, fazendo um trabalho pessoal. Um trabalho extremamente significativo para mim como pessoa, como ser humano, E fui descobrindo as minhas **possibilidades expressivas dentro da arte** que eu não sabia que tinha. Eu fiz trabalhos belíssimos que me emocionaram muito, algumas produções singelas com aquarela, argila, com dança, movimento, com poesia dos quais eu nunca vou esquecer.

A primeira grande importância de ter entrado em contato com a arte como recurso terapêutico, como possibilidade expressiva, foi pessoalmente no meu encontro comigo mesma. Essa riqueza para minha vida foi de suma importância porque a partir disso eu pude compreender **a relevância da arte como uma expressão criativa**. Até ****então dentro da psicologia a gente aprende o privilégio da fala como uma expressão de cura**, como uma expressão mais legítima de acesso ao crescimento individual ou a transformação.

Ter o contato com a arte, fez com que eu **mudasse a postura diante dos meus pacientes**, diante das pessoas que eu proponho estar

ajudando, auxiliando nesse processo como também nos grupos, instituições às quais prestei auxílio. A valia foi de mudar um pouco o meu olhar e de entender visceralmente o quanto a arte é uma possibilidade de cura e expressão criativa na nossa vida. Então isso foi crucial para mim, estar diante dessas pessoas compreendendo essa influência desse instrumento.

Na clínica, dentro do meu processo como psicóloga atendendo adultos, jovens, pré-adolescentes, casais e grupos. A importância da arteterapia, o auxílio da arte como um recurso terapêutico é imprescindível no sentido de que é uma possibilidade de se **expressar** com mais **liberdade**, de se entrar em contato de uma maneira mais rápida, mais legítima os **conteúdos internos** que ficam guardados no **inconsciente** e que, às vezes, simplesmente apenas pela fala, pela racionalização, pela verbalização, esses conteúdos são mais difíceis de serem acessados.

A arte é uma expressão, uma possibilidade criativa que facilita a obtenção desses conteúdos inconscientes. Então a expressão da arte é uma possibilidade de abertura, caminho para que as pessoas consigam entrar em contato com o inconsciente, os conteúdos internos de maneira que isso possa acontecer de uma forma **mais fluida, tranquila, possível**.

O terapeuta vai auxiliando o paciente através dessas expressões artísticas, criativas. Vai conduzindo o indivíduo que está em terapia a entrar em contato com esses conteúdos e a conseguir uma maneira de se expressar, de ter um **autoconhecimento** e ir em direção a um desenvolvimento, a um processo de individuação de maneira aonde essa oportunidade ela é facilitada.

Os recursos podem ser diversos como a argila, a escultura, a aquarela, as tintas, as expressões com colagens e até mesmo a dança, o movimento do corpo. São tantas possibilidades... como o canto, a poesia, a escrita. São vários os recursos que se pode utilizar para o processo terapêutico.

Tem uma frase que não lembro de quem é, mas diz assim, “você pode passar dois anos com uma pessoa, acompanhando a história dela naquilo que ela vai verbalizando, mas em uma hora de brincadeira, de recurso expressivo com tinta, com argila, com dança, com movimento, com poesia, você pode acessar muito mais do que em dois anos de fala, de verbalização sobre uma história”, então é nesse sentido que às vezes, nesses recursos, esses instrumentos, o contato com essas possibilidades plásticas, elas podem favorecer um salto quântico do indivíduo com ele mesmo.

Os pacientes chegam na clínica em um processo de **adoecimento**, muitas vezes por conta da forma em que a nossa **sociedade anda vivendo no mundo de hoje**. No contexto em que vamos levando as nossas vidas, as pessoas chegam na terapia adoecidas por uma perda de criatividade, de espontaneidade, **completamente engessadas, normatizadas, obrigadas e condicionadas a estar num padrão normativo, normalizador, adoecedor**. As pessoas se sentem guardadas numa **conserva cultural, essa expressão é de Jacob Levy Moreno, criador do psicodrama**, ela cabe muito bem para a gente pensar nisso, no estado em que as pessoas chegam na clínica. Quando lhe são oferecidas no processo terapêutico, os recursos da arte, então se faz uma **promoção de saúde**, possibilidades expressivas para se resgatar a **criatividade e espontaneidade que estão enfraquecidas e ou perdidas**.

É comum ter uma resistência quando se oferece para uma pessoa tanto em uma situação terapêutica ou em qualquer outra situação, tintas, pincéis, papéis de qualidades diversas... a primeira coisa em que as pessoas dizem como defesa é, ‘mas eu não sei pintar’ ou ‘eu não sei desenhar’, ‘eu sou péssima em desenho’ ou pintura.

Essa é uma prova viva de criatividade reprimida e adoecida, porque todos conseguimos desenhar, todos conseguimos pegar uma tinta e experimentar as possibilidades que ela tem no papel e nesse sentido, na arteterapia dentro do contexto terapêutico, não é necessário ter uma técnica para pintar, dançar ou escrever. **O que importa nessa arte como recurso terapêutico é o próprio ato, é o próprio fenômeno que está acontecendo, não é o produto final, a peça pronta, o quadro exposto, a dança feita, a poesia acabada, a obra de arte terminada, isso não é o essencial. O mais importante é entrar em contato com o meu conteúdo, com os meus fantasmas, minhas potencialidades, riquezas que me levam para um lugar diferente, novo, um lugar de saúde, de possibilidade de transformação.**

A arteterapia pode ser utilizada em qualquer indivíduo, em diferentes contextos. Esses recursos são propostos em um ambiente de segurança, depois que você tem um vínculo estabelecido com o paciente, se propõe com todo cuidado, porque normalmente as pessoas são resistentes ao novo, elas sempre dizem que não sabem, que não conseguem, que vai ficar feio. Tem que existir um consentimento prévio, é preciso ter toda uma preparação por conta da resistência. Não é todo mundo que está disposto a se melear (*sic*) com tinta, a deixar as unhas pretas de argila, pois existe essa falta de contato com a natureza.

Os recursos artísticos, como a argila, a tinta, a linha, são símbolos da natureza, eles remetem a um contato nosso com um ambiente natural e as pessoas no mundo pós-moderno estão muito afastadas desse ambiente. Vamos nos **distanciando de um mundo de beleza natural**, a estética é outra que normatiza a beleza. Na ditadura do belo, a beleza hoje tem outra função e conceito, e a arte é um convite a um olhar diferente para o belo.

Mas volto a frisar do quão transformador pode ser um recurso artístico, como uma música cantada, uma poesia criada, o quão transformador pode ser uma cor jogada no papel com uma determinada força e energia, do quão transformador é você pegar uma argila e deixá-la quente e ver que a transformou em algo que não tinha intenção e aquilo vai criando uma forma e um jeito diferente, e isso tem uma magia, um poder transformador impressionante (Gueira Castelo Branco de Vilhena, psicóloga e arteterapeuta).

Na Figura 6, imagens de trabalhos realizados com giz pastel pela psicóloga, doutora Gueira Vilhena, em curso de arteterapia para aprimoramento profissional.

Figura 6 – Terapia & Arte



Fonte: VILHENA, 2017.

Contudo, ao participar do curso, Vilhena percebeu como um trabalho bastante significativo, descobrindo suas possibilidades expressivas e, por isso, dentre outros exemplos, os utiliza no auxílio e orientação nos trabalhos com pacientes, realizados durante tratamentos psicoterapêuticos, utilizando a arteterapia.

6.4 Encontrando respostas bordadas na arteterapia

Enquanto estava no hospital acompanhando minha mãe em sua recuperação, percebi que houve a real conexão com o bordado. Nele ficava totalmente absorta das preocupações que tanto me afligiam naquele momento. Meus pensamentos se voltavam para o desenho feito no tecido de algodão cru, a agulha pintava a gravura com as linhas coloridas transformando o rascunho em algo que sempre me surpreendia. Segundo Silveira (2001), as produções artísticas trazem um valor terapêutico em si mesmas, “pois davam forma a emoções tumultuosas, despotencializando-as, e ou objetivam forças autocurativas que se moviam em direção à consciência, isto é, à realidade.” (2001, p.17). A alegria de me superar dia a dia, sentindo-me cada vez mais segura em aplicar novos pontos que havia aprendido no curso feito no semestre anterior... O tempo passava e estava me sentindo mais capaz e preparada para enfrentar novos desafios e começando a eu mesma fazer os bordados que me encomendavam (antes eram terceirizados). O melhor era gostar ainda mais do que fazia e faço, me sentindo cada vez mais artista e única, porque da minha maneira ninguém mais poderia bordar.

Meu esposo por várias vezes me pergunta porque não contrato outra pessoa para fazer as encomendas que me pedem, e daí falo que não posso passar essa tarefa para mais ninguém além de mim mesma. A Figura 7 mostra porque hoje não sinto que vendo simplesmente um “bordado”, e sim uma arte com o traçado próprio, autêntico, com a minha personalidade.

Figura 7: Meus bordados, minha arte, minha cura



Fonte: Autora

E é assim que verificamos a essência da arteterapia... o fazer por gostar, por envolver o inconsciente. Por permitir a pessoa se soltar, não limitar o pensamento e o seu reflexo na arte produzida. Conforme relatado pela terapeuta, a promoção da saúde e a evolução que ocorre por meio da arteterapia são, por muitas vezes, mais perceptíveis do que pela fala, quando relembra:

Você pode passar dois anos com uma pessoa, acompanhando a história dela naquilo que ela vai verbalizando, mas em uma hora de brincadeira, de recurso expressivo com tinta, com argila, com dança, com movimento, com poesia, você pode acessar muito mais do que em dois anos de fala, de verbalização sobre uma história (Fala de GUEIRA, s/a, s/d).

Tida como expressão de cura, constata-se a relevância da arte como recurso de terapia, como ferramenta de autoconhecimento uma vez que possibilita conhecer, externalizar e lidar com os conteúdos internos do indivíduo.

Convém ressaltar as circunstâncias por quais passa a sociedade contemporânea... pessoas doentes pela insegurança, pelo estresse, pelas pressões – trabalho, beleza, família... Não se permitem explorar a espontaneidade, a criatividade, a leveza do ser. É nesse cenário que a arteterapia oportuniza a expressão criativa do íntimo, manifestar a natureza inferior sem dor, mas despertando e provocando prazer.

Se a introdução da arte nos tratamentos de terapia provocou mudança na postura da psicóloga diante dos pacientes, podemos imaginar o quão bem faz para a pessoa em tratamento, aflita, fechada, “em si mesmada”. Uma janela se abre cheia de luzes e cores, uma energia positiva da qual ela passa a desfrutar mais e mais, libertando-se das dores e angústias.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da minha vivência pessoal e do estudo que foi feito para executar esse trabalho, percebi o quão é importante a arteterapia, o fazer com as mãos para o indivíduo.

Verificamos que tudo ao nosso redor está cada vez mais automatizado, nos deixando distantes de atividades que fazem parte da humanidade desde o começo dos tempos. Diante dessas observações, enxergamos que a tecnologia, a industrialização, apesar dos inúmeros benefícios que oferecem, nos deixam mais solitários e distantes de outras pessoas.

A partir dos enfrentamentos vivenciados, verificamos que a produção coletiva de artes manuais, e por que não dizer (?), o artesanato, nos leva a ter contato com grupos, comunidades e associações com pensamentos e objetivos em comum, apontando-se como estratégia para superar dificuldades emocionais e ou psicológicas. Nos mostra também que temos capacidade de fazer qualquer coisa que quisermos com nossas próprias mãos; nos dando uma sensação de poder, superação e liberdade que poucas atividades são capazes de nos oferecer.

Por fim, passamos a acreditar, empírica e cientificamente, que a arte cura os males da alma, desde pessoas ditas sãs até outras diagnosticadas com problemas psiquiátricos. Por isso e, diante da literatura investigada, dos depoimentos e das vivências, podemos suscitar que a arteterapia transforma pessoas. E o mundo está bastante necessitado de transformação social e humana...

Vamos nos humanizar! E a prática das artes manuais, nos permite, nos envolve, nos humaniza.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. **O artista e o artesão**, 1938. (Aula inaugural dos cursos de Filosofia e História da Arte, do Instituto de Artes, Universidade do Distrito Federal em 1938). Disponível em: http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Sem-3_O-Artista-e-o-Artes%C3%A3o_M%C3%A1rio-de-Andrade.compressed.pdf Acesso em: 14 nov. 2017.

ANDRADE, L.Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor. 2000.

ARCURI, Irene (Org.). **Arteterapia de corpo e alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BANCO DO NORDESTE. **Ações para o desenvolvimento do artesanato no Nordeste**. Fortaleza: BNB, 2002.

BRUN, Marli; BLASI, Marcia. **Quando o bordado e as histórias das mulheres se encontram**. Coisas do Gênero. São Leopoldo v.2 n.2, p.335-349. Agosto-dezembro 2016

<http://ism.edu.br/periodicos/index.php/genero/article/viewFile/2900/2720>

Acesso em 24 nov. 2017.

CARNEIRO, Celeste. Você sabe o que é Arteterapia? 2016. Disponível em: <http://www.artezen.org/arquivos/julho%2015%20-%20VOC%C3%8A%20SABE%20O%20QUE%20%C3%89%20ARTETERAPIA%202.pdf> Acesso em: 19 set. 2017.

CARVALHO, M.M.J., ANDRADE, L.Q.A. Breve histórico do uso da arte em psicoterapia. In: M.M.J Carvalho (Org). **A arte cura!** Recursos artísticos em psicoterapia (pp 27-38). Campinas, SP: Editorial Psy Il., 1995.

CHADWICK, Witney. **Women**, art and society. London: Thames and Hudson, 1996.

COLLIER, Ann Futterman. The well-being of women who create with textiles: implications for art therapy. **Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association**, 28(3) pp. 104-112: 2011 Disponível em: <https://nau.pure.elsevier.com/en/publications/the-well-being-of-women-who-create-with-textiles-implications-for> Acesso em: 30 nov. 2017.

COOK, Michael. **Uma breve história do homem**. Ano: 2005 Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

COPPOLA, Soraya. **Arte, moda, ciência e tecnologia: permeabilidade e experimentação**. Cienc. cult. Vol.62 n° 2 São Paulo 2010. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000200016 Acesso em: 05 out. 2017.

CÓRDULA, Raul. Afinal, o que é artesanato? **Revista Segunda Pessoa**, ano 3, número 1, jun-jul-ago 2013. Disponível em:

<http://segundapessoa.com.br/edicoes/1/1.pdf#page=9> Acesso em: 07 nov. 2017.

COSTA, Roberto Aurélio Lustosa da. Governo do Ceará; Secretaria da Indústria e Comércio; Departamento de Artesanato e Turismo; Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social; Centro de Referência Cultural. Fortaleza, 1978.

DINIZ, Ligia (Org.) **Mitos e arquétipos na arteterapia: os rituais para se alcançar o inconsciente.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

DOMÍNIO PÚBLICO. **A carta de Pero Vaz de Caminha, 1500.** Acesso em 20 nov. 2017. Disponível em:
¹<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000292.pdf> Acesso em 20 nov. 2017.

Filgueiras. A. **Aspectos socioeconômicos do artesanato em comunidades rurais no Ceará:** o bordado de Itapajé. Ce. Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) Programa de Pós-Graduação em Economia Rural da Universidade Federal do Ceará – UFC, 2005.

FONSECA, Erika Luiza da. O bordado como representação simbólica no atendimento arteterapeutico. **Arte Revista** n. 5; jan/ jun 2015 p. 43/56 Disponível em: <http://fpa.art.br/fparevista/ojs/index.php/00001/article/view/59> Acesso em: 19 set. 2017.

FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões; SALGADO, Mara. **Contraponto entre arte, artesanato e trabalho:** A falsa diferenciação e a atrofia da fantasia. 2011. Disponível em:
<http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versoportugues/2c43a.pdf> Acesso em: 19 nov. 2017.

GIL, Maria Celina. **Bordado terapêutico:** usos e trajes de cena inspirados. **Anais...** 13º Colóquio de Moda. Outubro, 2017. UNESP, Bauru, São Paulo, 2017.

GOLDSTEIN, Carl. **Teaching Academy.** Academies and schols from Vasari to Alberts. Cambridge. Cambridge University Press, 1996.

GOVERNO DO ESTADO CEARÁ. **Do artesanato cearense:** tipologias selecionadas. Ministério do Trabalho, Secretaria do Trabalho e Ação Social, Sistema Nacional de Emprego Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO, Fortaleza, 1996.

GRANGEIRO, Rebeca da Rocha. **O trabalho do artesão do Cariri cearense:** sua história, prática e significados da atividade profissional. Universidade Federal da Bahia, programa de Pós-graduação em Psicologia, Doutorado em Psicologia, Salvador, 2015. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18989/1/Tese%20de%20Rebeca%20da%20Rocha%20Grangeiro.pdf> Acesso em: 20 set. 2017.

GUIMARÃES, Mariana. **Bordadura como linguagem de experiências, afeto, vínculo e liberdade. Anais...** 24º Encontro Nacional da Associação de Pesquisadores em Artes Plásticas. Santa Maria, RS, setembro, 2015.

JUNKEL, Lino; RIBEIRO, Iara; RASCOE, Raquel. **Arte e trabalho nos períodos paleolítico e neolítico.** Disponível em:
<https://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/artetrabalho.html>
Acesso em: 17 set. 2017.

JUNG, C.C. Chegando ao inconsciente. In: C.C. Jung & M. Lvon Frans (Orgs). **O homem e seus símbolos.** (M, L, Pinho, trad., pp 18-103) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial.** 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE MOS, M. E. S. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda: subsídios para avaliação do programa estadual de desenvolvimento do artesanato no município de Aquiraz-CE.** 111f. 2011. Dissertação de Mestrado (Avaliação de Políticas Públicas). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

LIMA, Ricardo Gomes. Arte popular e artesanato: falamos da mesma coisa? Ci. Huma. E Soc. em **Rev. Seropédica** v. 31 n. 1 Janeiro/Junho 97-111 2009
Disponível em:
<http://ufrj.br/SEER/index.php?journal=chsr&page=article&op=view&path%5B%5D=763> Acesso em: 28 out. 2017.

LÓCIO, Aprígio Botelho; POMPEU, Gustavo de Ipanema. **Artesanato cearense: Mudança de posicionamento estratégico do assistencialismo para o empreendedorismo.** Disponível em:
<http://www2.ipece.ce.gov.br/encontro/2006/aprigio.pdf>
Acesso em: 01 out. 2017.

LUÍNDIA, Luíza Elayne Azevedo. **Madeira, plumária, pintura corporal, rituais: o caso dos Kayapó (PA).** Publicado In: SIMÕES, M. S. (org.). VII IFNOPAP: Populações e tradições às margens do rio Tocantins: um diálogo entre a cultura e biodiversidade ed. Belém-PA : UFPA, 2004, p. 225 -248.
Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Luiza_Azevedo_Luindia/publication/236200660_Madeira_Plumaria_Pintura_Corporal_Rituais_o_caso_dos_Kayapo_PA/links/02e7e516ed8e5b2708000000.pdf Acesso em: 18 nov. 2017.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC). **Portaria SCS/MDIC nº 29 de 05/10/2010.** Brasília, 2010.

NOCHIN, Linda. **Art and sexual politics.** New York: Macmillan Publishing Co., 1973.

PHILIPPINI, Ângela. **Linguagens e materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: Editora Wak: Editora Wak, 2009.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**. [online]. 2014, vol.34, n.1, pp.142-157. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932014000100011&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 15 set. 2017.

REIS, Alice Casanova dos. A arte como dispositivo à recriação de si: uma prática em psicologia social baseada no fazer artístico. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.40, p., jan./jun. 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/3386/3550> Acesso em: 25 set. 2017.

SALVADOR, Marieza Rosso. **Artesanato x design: A busca da identidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (grau de Bacharel no curso de Artes Visuais) Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/404/1/Marieza%20Rosso%20Salvador.pdf> Acesso em: 07 nov. 2017.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernandez; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTANA, Maria Fontenele. Design e Artesanato: fragilidade de uma aproximação. **Cadernos Gestão Social** v. 3, n. 2, jul/dez 2012 Disponível em: <http://www.periodicos.adm.ufba.br/index.php/cgs/article/viewArticle/334> Acesso em: 25 set. 2017.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVEIRA, Nise. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2001.

SOUSA, Maisa Ferreira de. **O bordado como linguagem na arte/ educação**. Trabalho de conclusão do Curso de Artes Plásticas, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília; 2012. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4494/1/2012_MaisaFerreiradeSousa.pdf Acesso em: 8 nov. 2017.

THIAGO, Raquel,S. Uma história do bordado no tecido social.In: SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE DE SANTA CATARINA. **Entrelaçando histórias**. Joinvile, 2010. 20p.

ZANINI, Walter, org. **História geral da arte no Brasil**. São Paulo, Instituto Walther Salles, 1983.